

Alocução do Presidente da Fundação Manuel Leão na abertura do Seminário Internacional sobre “A educação do futuro está aqui!”

*“Antes que a tua única herança seja a lembrança
Antes que o fio de prata se rompa e a roldana rebente no poço
Antes de tudo isto
Põe uma escada e sobe ao cimo do que vês”*

Daniel Faria, Poesia (2003)

Ex.mas Senhoras e Ex.mos Senhores

Muito obrigado por terem vindo, alguns de tão longe e outros com sacrifícios pessoais. Disseram presente e isso que é realmente muito importante! O que vos quero dizer é que este presente que nos demos uns aos outros é muito importante para podermos construir outro futuro para a educação.

Como já sabeis, decorre em 2016, a celebração dos 20 anos de criação da Fundação Manuel Leão, uma instituição de serviço público, com maior intervenção nos domínios da cultura e da educação, com sede aqui na cidade de Vila Nova de Gaia. Neste mesmo ano, estamos celebrar os 30 anos da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, instrumento orientador que efetivamente estruturou a educação em Portugal e norteou as políticas que se foram seguindo ao longo destas três décadas.

Decidimos investir este ano na realização de várias iniciativas, entre elas estes seminários sobre “A educação do futuro está aqui!”, ocasiões para conhecermos o que de mais inovador já se faz, no mundo e em Portugal, para sobre esse conhecimento reerguermos a esperança e reconstruirmos caminhos.

Demos passos gigantescos em termos de educação em Portugal, nos últimos 40 anos. A educação pré-escolar generalizou-se, a escolaridade obrigatória é hoje de 12 anos, as taxas reais de escolarização passaram, nestes 30 anos (dados de 1991-2013), de 50 para 86%, no 3º ciclo, de 27 para 74%, no ensino secundário, e de 11 para 32%, no ensino superior. Para o grupo etário 18-22 anos, o abandono escolar precoce tem diminuído muito acentuadamente (estará em cerca de 17%, referido ao ensino secundário completo).

Este foi o tempo em que pela primeira vez Portugal escolarizou todas as suas crianças e jovens até aos 17 anos, criaram-se centenas de escolas novas e contrataram-se milhares de professores; este foi também o tempo de muitas mudanças de políticas, de avanços claros na qualidade do serviço que se presta, seja por instituições estatais seja por instituições privadas e cooperativas. Regista-se um real progresso cultural e social no nosso país e tem sido a educação escolar a dar o mais importante contributo estrutural nesse sentido.

Importa sempre lembrá-lo, tantas vezes isto é negado ou denegrido por opiniões apressadas e sem qualquer fundamento, apesar de difundidas e publicadas.

E este também foi o tempo de inúmeras hesitações e oscilações políticas, de múltiplas tensões, de acumuladas desesperanças e, para tornar os nossos dias ainda mais desafiantes, vivemos atualmente tempos bastante difíceis, de crise económica e sociocultural, que estão a ter um enorme impacto na qualidade geral do serviço educativo que é prestado.

Como somos um país de escolarização tardia, ainda mal estávamos a acabar o processo de democratização da educação, já ela evidencia grandes dificuldades em cumprir bem a sua missão, dificuldades estas decorrentes sobretudo de mutações sociais profundas e inesperadas que vivemos. Azar o nosso, dirão alguns. Não, a história é assim mesmo: quem não evolui na hora certa e solta as amarras e parte, é apanhado numa encruzilhada mais adiante, agora já de joelhos, a chorar o não-feito ou atordado pelos ruídos anacrónicos, infrutíferos e insuportáveis da vozearia entretanto instalada.

Mais vale, então não perdermos desta vez o vento da história. A encruzilhada em que estamos desafia-nos. Ou agimos, se possível antecipando cenários muito piores, ou restar-nos-á vir a fazer a mesma figura, desorientados e de joelhos, mais à frente, em outro cruzamento histórico.

Recentrando...

Vejo cada vez mais jovens que estão na escola obrigatória sem fazerem nada, de mãos nos bolsos, profundamente descrentes, acabando muitos deles por a abandonarem sem qualificação inicial (um em cada cinco jovens), esperando apenas pelo dia em que fazem 18 anos. E, ao mesmo tempo, sei que aquelas cabeças estão povoadas de interrogações,

inquietações, saberes e competências, sobre os quais se poderia “cavalgar” para os fazer aceder à cultura e à capacidade de permanecermos juntos e em paz.

Não podemos continuar a fazer de conta que não vemos, que não sabemos, que não somos cúmplices de um modelo escolar seletivo, desigual, ineficaz e desviado da sua centralidade: o desenvolvimento humano e o convívio social, saber viver uns com os outros e em paz.

A educação escolar está colocada diante do desafio não só de acolher todos e ser realmente significativa para cada um, o que é muito difícil dadas as desigualdades sociais e pessoais de partida, como também proporcionar a cada um um horizonte de realização pessoal, cultural e profissional, num contexto de incerteza e de instabilidade, no seio desta “modernidade líquida”, de que nos fala Z. Bauman.

Ora, nós sabemos bem que o modelo escolar que herdámos está a revelar muitas fragilidades na sua capacidade de acolher todos e apoiar cada um, o que se traduz em muitas reprovações e elevados fracassos escolares, num desinteresse e “indisciplina” crescentes, em oscilações permanentes de orientação política, em desmotivação e desorientação profissional dos professores.

Vivemos felizmente um tempo de grande transição cultural; reconhecemos que estamos no meio de um turbilhão sociocultural, e percebemos que quem está a tirar mais proveito é o capital financeiro, a especulação cega e surda, que as injustiças estão a aumentar pelo mundo, que a lógica do consumo a qualquer preço e uma cultura do efémero e do espetáculo predominam. Sabemos que estamos a perder a capacidade política de definirmos novos rumos para as nossas sociedades, capturados que estão os nossos dirigentes por estes interesses económico-financeiros avassaladores. Ora é precisamente este o nosso momento de agir e a grande transição cultural em que estamos mergulhados, se é verdade que nos dificulta a visão, também nos torna atores e autores de uma educação escolar que ressurja em todas as suas potencialidades e seja verdadeiramente significativa para cada um.

Uma escola democrática tem de ser justa e uma escola justa é bem mais do que uma escola que recebe todos os cidadãos e os divide em anos de escolaridade, turmas e horários, oferecendo oportunidades ricas de aprendizagem a quem já sabe e está motivado e oferecendo vias pobres a quem é pobre e já se sabe que não domina a “gramática escolar”, nem está motivado. Esta é uma escola profundamente injusta. Uma escola justa teria pois de promover oportunidades ricas de aprendizagem para todos e trabalhar com cada um, a seu modo, desenvolvendo ao máximo as suas capacidades.

Os atores e autores que trabalham nos modelos escolares mais inovadores e avançados do mundo estão hoje convencidos da necessidade de mudar profundamente o modelo ensino-aprendizagem para o resgatar desta onda infernal de desmotivação e de desinteresse dos alunos e dos professores, instituindo, por exemplo, o ensino por fenómenos, tópicos ou projetos, onde, em função das interrogações e dos problemas colocados pelos alunos e pelos professores, a escola elabora projetos de ensino-aprendizagem agregadores de

múltiplos saberes, com o recurso a metodologias que comportam muito trabalho escolar, pesquisa, estudo, sistematização, trabalho individual e em equipa; reorganizam-se os grupos de alunos, as equipas de professores e os horários de trabalho escolar.

Há escolas, em Portugal, a realizar esforços enormes em busca desta escola justa, reinventando esta “gramática escolar”. Pena é que esse não seja o princípio norteador da ação política geral, pois assim sentir-se-iam apoiadas, incentivadas e acarinhadas. Mesmo assim, nada está perdido; talvez seja este o tempo dessas escolas e professores se ligarem entre si, criarem redes de forte cooperação interpares e edificarem e proporem aos seus parceiros e à sociedade portuguesa novos rumos para a educação escolar, de modo que nenhum cidadão seja deixado pelo caminho porque não está motivado.

O que fazer, então?

Este não o momento de olharmos para trás, para “a escola do meu tempo é que era boa”. Pode ter sido, hoje já não o é, amanhã certamente que não o será. Este também não é o momento de aprofundarmos o modelo de uma escola para formar para a competitividade e para o fomento das desigualdades, pois esse é um paradigma que condena a humanidade que nos habita. É preciso encontrarmos um caminho de esperança. A atual “oscilação institucional” entre o Alfa e o Ômega, mantendo sempre tudo na mesma, com um cunho segregacionista e injusto, centralista e uniforme, também não nos serve. Mas então, como? Mas com quem? Mas quando? O que é preciso mudar?

A mudança, dizem alguns dos atores e autores de importantes mudanças em curso, “tem de ser sistémica” e o que é preciso mudar mesmo é a “cultura educativa escolar” e muito profundamente, de modo estrutural, através de “mudanças disruptivas”, porque é preciso “questionar completamente o papel dos membros da comunidade educativa, a organização da escola, a sua estrutura de horários, a configuração dos espaços e o mobiliário, a forma de trabalhar, o papel dos profissionais de gestão, a relação com a administração, os materiais didáticos, as disciplinas e os departamentos, ou seja, toda a vida de uma escola”, até chegar “ao núcleo do processo de ensino e aprendizagem e à mudança dos modelos mentais atuais” (Fundação Jesuits Educació, 2015).

Meirieu diz que o caminho consiste na “procura obstinada de propostas concretas provisórias”. Este ator e autor pergunta-se (Meirieu, 2016: 147): “Serão as escolas lugares ainda habitados? Ou serão cada vez mais lugares de passagem efémera, em que os professores e os alunos pouco investem pessoalmente, onde se justapõem as indiferenças e se degladiam e confrontam diferentes visões e práticas, que nunca se encontram?”

Pergunto eu: não serão cada vez mais “não-lugares”, na linha do que propõe Marc Augé? E continua Meirieu: assim sendo, a escola “não permite nem fazer a experiência da responsabilidade individual e coletiva, nem aceder à compreensão do “bem comum” e da

exigência de solidariedade que ele impõe. A instituição não se dá a ver nem no seu projeto fundador, nem no seu funcionamento quotidiano, reservando para os iniciados o acesso aos códigos da integração e do sucesso. Os rituais antigos – maioritariamente obsoletos – foram muitas vezes suprimidos, mas sem terem sido substituídos por rituais que façam sentido para os alunos, estruturando o espaço e o tempo, permitindo-lhes saber o que deles esperamos e sustentando os seus esforços para acederem à postura mental graças à qual encontrarão na escola, simultaneamente, o prazer de aprender e o de transmitir, os meios da sua instrução e os da sua emancipação”.

Temos mesmo de rever profundamente este modelo escolar, re-institucionalizando as instituições escolares. O nosso papel de professores e pedagogos é mesmo esse de “manter de pé instituições escolares que ajudem os alunos a manterem-se, eles próprios, de pé” e a conquistarem sempre mais autonomia e capacidade crítica (Meirieu, 2016:148).

Para tal,

É preciso, pois, conhecer o que de mais inovador se faz hoje, aqui e em todo o mundo.

É preciso compreender o que é que subjaz a estas inovações e o que é que está a tornar estas dinâmicas mais eficazes em termos de motivação dos alunos e de sucesso escolar, em termos de motivação dos professores e das lideranças e de melhoria do ambiente escolar.

É preciso ligar estas dinâmicas inovadoras em redes de cooperação, como algumas que já existem, ligando-as em laços e em nós cada vez mais fortes, na sua diversidade e vivacidade.

É mesmo importante trabalharmos juntos, pois só juntos vamos conseguir.

Cada escola por si, cada grupo de professores por si, cada saber disciplinar por si, cada inovação por si, tudo isoladamente, isso é que não. É desse tipo de heróis, e eles existem em muitos locais da nossa sociedade, que o monstro da escola do passado mais gosta de se alimentar. É música celestial para os seus ouvidos.

Na verdade, é colossal aquilo que temos de vencer de inércia e de resistência, pois trata-se de um sistema que, em três séculos de desenvolvimento e aperfeiçoamento, apropriado pelo Estado e pelos poderes instituídos, acumulou um palmarés invejável de sucessos e provocou a sua “naturalização” no nosso modo de pensar e estar, de falar do presente e de pensar o futuro. Estamos amarrados, é preciso termos disso consciência, mas não estamos no fundo do mar, pois nada do que é histórico é inelutável.

Precisamos, nas escolas, do apoio de parceiros externos, em particular das instituições do ensino superior, como aliadas do trabalho de melhoria escolar, não como instituições distantes e colocadas no seu pedestal, tantas vezes mais impregnado de ideologias repetidas até à exaustão do que de conhecimento construído e testado no terreno escolar concreto, com os professores e alunos concretos.

Trágico seria, também, se optássemos agora por rejeitar tudo e começar tudo de novo. Não é possível nem é desejável. Deitar fora a criança com a água do banho nunca foi boa política para se melhorar a vida de um povo. Só atrasa a mudança dos processos sociais. O “modelo moderno de educação escolar” contém em si mesmo promessas sociais fundamentais que é preciso preservar, como a igualdade de oportunidades de acesso à educação, que tem de se manter e aprofundar. Conservando o que de melhor já se faz, devemos evoluir para o que de mais justo e solidário podemos vir a fazer.

Este Seminário visa ajudar a responder a estas questões. Acreditamos que a educação do futuro está aqui. Na decisão política de mudar o modelo escolar que se desenvolve na Finlândia, na reviravolta pedagógica que se processa numa rede de colégios da Catalunha, está também na Zarco de Matosinhos, na Escola da Ponte, na EP Vale do Tejo de Santarém, nas Equipas Educativas e nas Comunidades Escolares de Aprendizagem, em Évora. E em mais lugares e dinâmicas que haveremos de conhecer em próximos encontros.

Em síntese:

É preciso trazer essas dinâmicas inovadoras ao espaço público.

Estamos aqui e voltaremos para ouvir e debater mais dinâmicas inovadoras portuguesas e do mundo.

Mas trazer ao espaço público, não chega. É preciso que estas dinâmicas possam pensar-se, projetar-se e estruturar-se, pois são imensas as resistências e as rotinas instaladas são muito poderosas, o medo de ousar inovar é real e compreensível.

Só em rede e em fortes parcerias de solidariedade e entreajuda é possível construir um educação nova, verdadeiramente democrática e justa.

Mas estar conectados em rede não chega, é preciso alimentarmos a esperança e ela alimenta-se sobretudo das nossas disposições interiores – e não tanto dos estímulos exteriores - para interpretarmos o presente e construirmos o futuro. A esperança requer confiança em si e nos outros e pressupõe fortaleza. Podemos ajudar-nos uns aos outros no culto destas virtudes pessoais tão importantes para a nossa profissão.

Mas a esperança pessoal não chega, é preciso termos coragem ética para sairmos das “zonas de conforto” e defendermos a nossa dignidade e a dignidade dos nossos alunos, de todos eles, pessoas únicas aptas a desabrochar em mil constelações de vida, iniciativa e graça.

Sejamos pois corajosos, esperançosos, confiantes e ligados em redes de cooperação e entreajuda. É para isso que estamos aqui e vamos fazer da cidade de Gaia, a capital da inovação escolar em Portugal. Não façamos por menos o que está ao nosso alcance fazer por mais e melhor.

O futuro da educação também depende de nós, de ti e de mim. Ânimo pois e perseverança, porque o futuro que queremos para as nossas sociedades depende em larga medida da educação que formos capazes de proporcionar hoje às crianças e aos jovens, porque depende do que eles levarem para o futuro no seu coração.

Que este seja para cada um de nós um dia memorável!

Joaquim Azevedo
Presidente da Fundação Manuel Leão

11 de março de 2016.